

Lírica e história: a poesia drummondiana em 1945

Lizandro Carlos Calegari[♦]

Abstract[♦]

This paper aims to analyse, in a general way, the relationship between Carlos Drummond de Andrade's production and the historic moment in Brazil and in the World by 1945. During that time, Estado Novo was created and the Second World War happened. Drummond takes in account the consequences of these events and transfers to his production. That way, this work intends to broad the influences of these facts by making an analyse in some Drummond's poems. One will also consider some theoretical elements of Freud, Nietzsche – and others- to give support to the analysis.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações entre o contexto histórico do Brasil e do mundo em meados da década de 40 e a produção de Carlos Drummond de Andrade. Dentre os diversos acontecimentos decorridos naquele período, cabe ressaltar a confluência de duas experiências históricas importantes: a criação do Estado Novo, no Brasil; e a Segunda Guerra Mundial, no contexto internacional. Drummond, através de suas obras, acompanha a evolução desses acontecimentos e os relata criticamente. Assim, será feito, inicialmente, um breve estudo acerca da relação entre literatura e história; e, ulteriormente, serão analisados alguns poemas do autor relacionando-os, além do contexto histórico, a alguns elementos teóricos de Freud, Nietzsche, e outros, a fim de fundamentar suas análises.

A história na produção drummondiana e seus reflexos

A todo período literário subjaz um momento histórico. Se, por um lado, determinados aspectos históricos culminam

em aspectos mais particularizantes; por outro, podem influenciar a produção literária de um certo período. Existem vários estudos que tratam da relação que se estabelece entre estas duas áreas do saber. Antonio Candido, referindo-se à fronteira que se estabelece entre estes dois campos do conhecimento, atesta:

Só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (...) o externo (no caso, o social) importa não como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tomando-se, portanto, interno.¹

O teórico Georg Lukács resalta ainda a contribuição do elemento social na constituição da literatura. Com respaldo em idéias marxistas, ele expõe:

A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo geral e unitário através do qual o homem faz seu mundo pela sua própria consciência.²

Os escritos drummondianos, produzidos em meados das décadas de 40 e 50, estão intimamente relacionados a acontecimentos históricos, cujas conseqüências repercutiram no ambiente nacional e internacional e deixaram marcas profundas na sociedade. Estas marcas tiveram uma ascensão mais significativa durante o período ditatorial e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, de expressão nacional e internacional respectivamente, resultando numa disjuntura social. Desta, originou-se a desigualdade

[♦] Aluno do 6º semestre do curso de Letras (UFSM), bolsista PIBIC – CNPq, participante do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo sob orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg.

¹ Apud CHAVES, Flávio Loureiro. *Literatura e História*. 1999, p.9.

² LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. 1968, p.15.

de privilégios concedidos à sociedade, intensificando a formação de classes opressoras e oprimidas.

Essas diferenças sociais acompanham todo o processo histórico e, conforme José Antonio Segatto, as transformações que se pretendem à sociedade são paradoxais. Ele explica que vêm ocorrendo mudanças aparentes nela desde há muito tempo, porém as estruturas e formas de dominação permanecem sob as mesmas condições:

O Estado no Brasil, independentemente das formas e composições que assumiu nos diferentes momentos e períodos (Monarquia e República; imperial, oligárquico, corporativo, ditatorial etc.), tem ao longo da história uma característica essencial comum: de se impor autoritariamente sobre a sociedade civil. A classe dominante organizou o Estado como um aparato de poder exclusivo dissociado da sociedade. (...) Em quase todas as tentativas de organização, mobilização, reivindicações, contestação da ordem, por parte das classes dominadas, o Estado agiu prontamente para impedir, seja pela repressão pura e simples, seja por outras formas, como a manipulação e a cooptação ou ainda por meio da criação de instrumentos jurídico-políticos de controle e exclusão.¹

Esse sociólogo ainda constrói uma relação entre estes aspectos históricos nas manifestações literárias. Nestas últimas, tem-se a abordagem dos traços característicos do processo histórico do país.

O Brasil esteve ainda submetido ao período ditatorial durante o Estado Novo. A população sofreu as mais diferentes pressões impostas pela classe dominante. A realidade é exposta por Arruda e Piletti no fragmento a seguir:

Os poderes discricionários de que a ditadura passaria a dispor (...) não tinham limites. (...) As publicações foram censuradas, as contestações armadas reprimidas com tortura e execuções; políticos, cassados. Perto de 5000 pessoas perderam os direitos políticos, entre militares, professores, governadores, prefeitos, deputados federais, juizes, servidores públicos, três ex-presidentes. (...) em São Paulo, grandes empresas financiaram a montagem do

aparelho repressivo, que incluía câmaras de tortura.²

O período que se estende de 1942 a 1945 é marcado pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. Não é o caso aqui de ressaltar os vários motivos que levaram ao surgimento desta desgraça, mas cabe lembrar de algumas de suas terríveis conseqüências para a humanidade. Com a guerra, inicia o emprego de tecnologias bélicas inovadoras que contribuiram para a aniquilação de seres humanos de uma forma nunca antes observada. Paulo G. Fagundes Vizentini expõe uma idéia sobre os resultados da guerra:

A destruição material foi colossal. Toda uma geração perdeu-se em meio aos sofrimentos, privações da guerra e reconstrução dos meios de vida. (...) Houve 55 milhões de mortos, 35 milhões de feridos 3 milhões de desaparecidos e quantos milhões de crianças órfãs. A maioria das vítimas era constituída de civis.³

Do ponto de vista literário, Alfredo Bosi salienta que

A civilização que se forma sob os nossos olhos, fortemente amarrada ao neo-capitalismo, à tecnocracia, às ditaduras de toda sorte, ressoou dura e secamente no eu artístico do último Drummond.⁴

Drummond, vítima das fatalidades decorrentes da guerra, em uma entrevista concedida a Ary de Andrade em 1945, expõe o seguinte:

As contradições deste mundo se refletem na própria guerra em que ele se estorce e em que, sob o sacrifício de milhões de pessoas, não é difícil enxergar o cálculo e as ambições de alguns. (...) De todos os lados se conhece que estão anulados muito dos valores ao sobre os quais se apoiava a nossa concepção geral da vida, em que atingimos um período de crise.⁵

Desta forma, a essência de sua poesia ganha um valor importante, na medida em que representa uma sociedade retorcida pelos tantos aspectos negativos que carrega. Assim, a uma visão crítica de uma sociedade dessorada, tem-se um Drummond desencantado com relação à vida, recusando-se a uma participação sentimental e revelando um pessimismo em que o homem se encontra frente a

¹ SEGATTO, José Antonio. Cidadania de ficção. In: *Sociedade e literatura no Brasil*. 1999, p.232.

² ARRUDA, José Jobson de A. & PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e História do Brasil*. 1994, p.326.

³ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: relações internacionais do século 20*. 1996, p. 117.

⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 1994, p.441.

⁵ BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. 1978, p.32.

frente com o vazio e o nada. Disso surge a corrosão como princípio modular da obra drummondiana. Para Luiz Costa Lima, a corrosão

aparece como a maneira de assumir a História, de se por com ela em relação aberta. É deste modo que a vida não aparece para o poeta mineiro como um jogo fortuito, passível de prazeres desligados do acúmulo dos outros instantes. (...) a corrosão que a cada instante a vida contrai há de ser tratada ou como escavação ou como cega destinação para um fim ignorado⁸

Após esta abordagem, será feita a análise de alguns poemas do autor, a fim de concretizar as idéias expostas.

3. Congresso Internacional do Medo e A bomba

Congresso Internacional do Medo

Provisoriamente não cantaremos o amor

que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos

Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,

não cantaremos o ódio porque esse não existe,

existe apenas o medo, nosso pai e nosso [companheiro

o medo grande dos sertões, dos mares, dos [desertos,

o medo dos soldados, o medo das mães, o [medo das igrejas

cantaremos o medo dos ditadores, o medo [dos democratas,

cantaremos o medo da morte e o medo de [depois da morte,

depois morreremos de medo-

e sobre nossos túmulos nascerão flores [amarelas e medrosas.

Depreende-se, a partir do título do poema, que o temor e o receio não se restringem somente ao eu-lírico. Evocam,

antes de tudo, um número mais limitado de indivíduos que juntamente compartilham as mesmas sensações de sofrimento, desprazer e infelicidade provenientes do medo. O eu lírico, portanto, tem consciência de estar representando um conjunto e que não se delimita a si.

Em relação às sensações expostas no parágrafo anterior (sofrimento, desprazer, infelicidade), Freud cita três fontes de onde podem provir tais sensações. Segundo ele, são provenientes do nosso próprio corpo, submetido à degradação natural; do mundo externo, a natureza que se volta contra o homem com forças destrutivas; e do relacionamento com os outros homens. Ele ainda aponta que *"o sofrimento que provém desta última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outra."*⁹

Nos versos iniciais, o sujeito lírico justifica a ocultação do amor. A expressão *abaixo dos subterrâneos* (v.2) remete, de certa forma, a uma justificativa para a ausência do amor. Este último não inexistiria, mas estaria represado, cedendo lugar ao medo.

O verbo *esterilizar*, no terceiro verso, pode ser entendido como estagnação de qualquer emoção ou afetividade que se desejaria demonstrar, pois qualquer manifestação estaria sujeita ao repúdio e à repressão. Isto constitui uma consequência do medo que tem o poder de dissociar ou fragmentar os afetos e proximidades humanas, conforme assinala o vocábulo *abraços* neste mesmo verso. Interpreta-se aqui outra causa pelo qual o amor se ocultou, ou seja, a fim de não se diluir como influência direta do medo.

As condições externas seriam então precursoras de todos estes lamentos. Freud ainda ressalta que a realidade é *"A única inimiga e a fonte de todo o sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela."*¹⁰

O sujeito lírico põe em dúvida, nos versos posteriores, a confiança de alguns setores. Aponta o social – que inclui o *pai* (v.5) e os *companheiros* (v.5); e o natural – o que abrange os *sertões* (v.6), os *mares* (v.6) e os *desertos* (v.6). A natureza, que outrora constituía num lugar de refúgio para o homem injustiçado pela sociedade, encontra-se igualmente contaminada pela insegurança proporcionada ao homem de nossa era.

A sensação de ódio, o sentimento de amor, e a sensação de *medo* estão dispostos em três níveis

⁸ LIMA, Luiz Costa. *Lira e Antilira*. p. 131.

⁹ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Obras psicológicas completas*. 1974, p. 95.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p.95.

distintos. O primeiro inexistente, o segundo está oculto e o terceiro prevalece.

Como temática central, Drummond repete várias vezes a palavra *medo*, resultado da opressão imposta por um governo ditatorial – o vocábulo *ditadores* (v.8) reforça esta idéia. A maioria dos versos remete a um sentimento de angústia e inquietação diante do perigo, da ameaça e do castigo. Este castigo pode ser entendido, não unicamente como físico, mas principalmente da alma, do interior humano. Para Nietzsche, o castigo constitui-se, entre outras várias concepções que ele atribui, numa

*declaração de guerra e medida de guerra contra um inimigo da paz, da lei, da ordem, da autoridade, que, como perigoso para a comunidade, como violador de pacto no que se refere a seus pressupostos, como um rebelde, traidor e quebrador da paz*¹¹

Este conceito, como é observado, é aplicável à temática central do poema em estudo.

Os versos 6 e 7, bem como os versos 8 e 9, encerram um paralelismo. Estes pares de versos estão vazados em reiterações sintáticas que intensificam agudamente a consciência da inutilidade dos gestos nesta vida inexoravelmente condenada à morte.

O sujeito lírico também se vê ameaçado por autoridades. No verso 7, menciona os *soldados* (autoridade política); as *mães* (autoridade maternal); e as *igrejas* (autoridade religiosa que impõe suas doutrinas). No Brasil, destaca-se a função exercida excepcionalmente pelos soldados e militares neste período da história, o que auxilia na compreensão da temática deste poema. Os militares expuseram seu autoritarismo, a sua dura repressão política a toda forma de oposição. Além do mais, publicações foram censuradas, contestações armadas reprimidas com tortura e execuções; havia proibição em divulgar, por qualquer meio de comunicação social, notícias falsas, tendenciosas, ou fato verdadeiro truncado ou deturpado, de modo a indispor ou tentar indispor o povo com as autoridades constituídas. Arruda e Piletti sublinham que “a ditadura declarou guerra às forças populares e a todas as formas de resistência

democrática.”¹²

Drummond opta por uma linha de produção profundamente melancólica. A experiência com a ditadura – conforme exposto no verso 8 – influenciou suas poesias de modo que expressam um aspecto de perda, dor, contradição, medo, que tradicionalmente se associam ao conceito de melancolia, e que ganham na sua poesia profundidade e se articulam umas com as outras. O impacto de violência do processo histórico e a atitude melancólica contribuem para expor uma realidade com receio.¹³

Observa-se ainda, nos versos finais, um horizonte marcado pela incerteza em relação ao futuro. A morte não sugere um estado de evasão, visto que o sujeito lírico a teme mesmo depois da morte (v.9). No último verso, a flor, que germina sobre o túmulo, absorve todas as essências do sujeito lírico e as expõe para o mundo externo novamente.

POEMA II

A bomba

A bomba

é uma flor de pânico apavorando os
floricultores

A bomba

é o produto quintessente de um laboratório
falido

A bomba

é miséria confederando milhões de misérias

A bomba

é estúpida é ferotraste é cheia de rocamboles

A bomba

é grotesca de tão metuenda e coça a perna.

A bomba

amanhã promete ser melhorzinha mas
esquece

A bomba

não está no fundo do cofre, está
principalmente onde não está

A bomba

mente e sorri sem dente

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. Para a genealogia da moral. In: *Obras incompletas*. 1983, p.310.

¹² ARRUDA, José Jobson e PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e História do Brasil*. 1994, p. 328.

¹³ GINZBURG, Jaime. *Lírica e autoritarismo: a poesia em 1945*. < <http://w3.ufsm.br/jaime/jaime.htm> >

A bomba
não é séria, é conspicuamente tediosa

A bomba
Envenena as crianças antes que
comecem a [nascer

A bomba
continua a envenená-las no curso da
vida

A bomba
é uma inflamação do ventre da
primavera

A bomba
tem a seu serviço música estereofônica
e mil [valetes de ouro,
cobalto e ferro além da comparsaria

A bomba
tem supermercado circo biblioteca
esquadilha [de mísseis, etc.

A bomba não admite que ninguém se
de ao luxo [de morrer de câncer

A bomba
é câncer

A bomba
com ser uma besta difusa dá tempo ao
homem [para que se salve

A bomba
não destruirá a vida

O homem
(tenho esperança) liquidará a bomba.

Um aspecto que se pode explorar ao longo de todo o texto é a sua forma. O poema é formado por reentrâncias e sua forma fica condensada quando o verso é constituído pelo vocábulo *bomba*. Isto remete, por um lado, a um conjunto de pulsações e suspiros desesperadores devido às causas pelas quais o sujeito-lírico se vê submetido e ameaçado; por outro, atribui ao vocábulo *bomba* uma imagem e uma importância absolutamente central para a temática do poema.

O sujeito lírico demonstra conhecer o conturbado momento histórico no qual se encontra inserido e tem, além do mais, consciência da finalidade da criação da bomba. Ao caracterizá-la como uma *flor de pânico* (v.2), um *produto quintessente* (v.4), *estúpida* (v.8), *ferotriste* (v.8), *grotesca* (v.8), etc., o sujeito lírico tem noção do que ela representou para a humanidade. Pelo contexto histórico, sabe-se que, embora o lançamento das bombas pelos americanos em povos já dominados e destruídos (cabe assinalar Nagasaki e Hiroshima) fosse uma pusilidade simplesmente para demonstrar sua supremacia, seus efeitos repercutiram por todo o mundo, durante a Segunda Guerra Mundial.

Yves Michaud afirma que, de maneira geral, as guerras, bem como a tecnologia contemporânea, são mais mortíferas e destrutivas, respectivamente. Acrescenta ainda que ocorre uma maior mobilização das populações mediante estas condições.¹⁴ Além do mais, do ponto de vista de Umberto Eco, o século XX deu a noção de guerra mundial, à qual o homem avalia diversificadamente. A guerra moderna apresenta-se contraditória em relação às próprias razões pelas quais é operada. Na atualidade, ela coloca infinitos poderes em concorrência, anula qualquer iniciativa humana, constitui-se num sistema neoconexivo; e mais: é uma solução para estados de desequilíbrios no conjunto da sociedade.¹⁵

Não se pode, entretanto, considerar unicamente a destruição material que a Guerra acarretou, mas também a destruição da maioria dos laços de união e de paz.

A sociedade humana, ao longo de sua história, esteve submetida a situações desprazerosas devido a seus próprios atos. A massa opressora usa atos agressivos, e mesmo inadequados, como forma de controle e dominação da classe oprimida. Na ótica de Freud,

os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para ele, (...) alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, (...) humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo.¹⁶

Metaforicamente, a bomba se refere aos

¹⁴ MICHAUD, Yves. *A violência*.

¹⁵ ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. 1998.

¹⁶ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras psicológicas completas*. 1974. p. 133.

males e problemas que atingem a sociedade. A bomba e seus efeitos mais imediatos, ou seja, a destruição e a morte, são vistos pela sociedade autoritária da época como um progresso. As estrofes dos poemas remetem às características negativas daquela invenção. Nos versos A bomba/ mente e sorri sem dentes, há uma personificação exibindo a vivacidade da bomba.

No aspecto do autoritarismo no progresso e dos aspectos negativos, Nietzsche afirma que

a morte, faz parte das condições do progressus efetivo: o qual sempre aparece na figura de vontade e caminho para maior potência e é sempre imposto às custas de numerosas potências inferiores. A grandeza de um "progresso" mede-se, até mesmo, pela massa de tudo aquilo que teve de ser sacrificado a ele; a humanidade como massa sacrificada à prosperidade de uma única espécie mais forte de ser humano- isso seria um progresso¹⁷

Carlos Drummond de Andrade, enfim, cria, através da linguagem, uma poesia com repetição compulsiva de som-coisa, paralelismo, etc. Há uma justaposição de estruturas mostrando em si mesma a possibilidade de canto que se erige em norma.¹⁸

Ainda para Alfredo Bosi,

Talvez seja esta a única forma de comunicação que o poeta Carlos Drummond de Andrade pôde oferecer a seu tempo: a antilira que corta os vínculos com expressão transparente dos afetos, não para negá-los enquanto tal (...), mas para pôr em que mais uma vez está submergido o vasto mundo.¹⁹

2. Conclusão

O estudo dos poemas O Congresso Internacional do Medo e A bomba permitiu analisar alguns aspectos da vasta obra de Drummond. A análise das poesias revelou um processo de investigação da realidade humana, uma constante visão crítica da sociedade. O autor critica o seu tempo de destruição e morte, cujas causas principais

residem no amotinado momento histórico da sua época. A poesia drummondiana apresenta-se mais madura e muito mais comprometida com o difícil momento histórico que o Brasil atravessara. Cabe aqui ressaltar que muitos fatos agitaram o país e o mundo nas décadas de 40 e 50. Dentre os fatos abaladores experimentados pelo Brasil e as nações do mundo, destacam-se a ditadura no Estado Novo, e a Segunda Guerra, entre outros. Os efeitos destes acontecimentos mobilizaram os artistas mais conscientes da época, dentre eles Drummond. A análise da realidade social e política daquela época remete ao questionamento do mundo fragmentado e caótico criado pelo próprio homem.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, José Jobson de A. & PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. 3. ed. amp. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.
- ECO, Umberto. *Cinco escritos morais*. Trad. de Eliana Aguiar. 3. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GINZBURG, Jaime. *Lírica e autoritarismo: a poesia em 1945*. <http://w3.ufsm.br/jaime/jaime.htm>
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e Antilira*. São Paulo, Topbooks.
- LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.
- NIETZSCHE, Friedrich. Para a genealogia da moral. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SEGATTO, José Antonio & BALDAM, Ude. *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Unesp, 1999.
- VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial: relações internacionais do século 20*. 4 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1996.

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. Para a genealogia da moral. In: _____. *Obras incompletas*. 1983, p. 308.

¹⁸ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 1994

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 445.